

The reverse of affection: violated motherhood in the short story

Aramides Florence

O avesso do afeto: a maternidade violentada no conto Aramides Florença

OLIVEIRA, Maria Betânia da Rocha de⁽¹⁾; SILVA, Aline Oliveira dos Santos⁽²⁾; SILVA, Jonathan Francieverton da⁽³⁾

⁽¹⁾  0000-0002-9862-2857; Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL-Campus IV. São Miguel dos Campos, Alagoas (AL), Brasil. Email: mariabetania.oliveira@uneal.edu.br.

⁽²⁾  0009-0006-0724-5010; Licencianda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL-Campus IV. Bolsista do PIBIC-FAPEAL/UNEAL – Brasil. São Miguel dos Campos, Alagoas (AL), Brasil. Email: aline.santos.2021@alunos.uneal.edu.br.

⁽³⁾  0000-0001-5530-0543; Licenciando do Curso de Letras Português da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL-Campus IV. Pesquisador voluntário do PIBIC-FAPEAL/UNEAL – Brasil. São Miguel dos Campos, Alagoas (AL), Brasil. Email: francievertonjonathan@gmail.com

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This article analyzes the short story Aramides Florença, part of Conceição Evaristo's collection *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2017), from the Lacanian materialism proposed by Slavoj Žižek, with special attention to intersections between gender, race and symbolic violence. Based on the category of writing created by Evaristo, the research investigates how narrative tensions naturalized discourses about motherhood and romantic love, revealing its oppressive implications for the body and desire of black women. The general objective is to understand how motherhood, idealized as a space of affection, becomes a mechanism of control and violence in the context of a relationship governed by patriarchal structures. The specific objectives include: (1) identifying forms of violence present in the narrative according to Žižek's categorization (symbolic, objective and subjective); (2) articulating these forms to instances of the Lacanian triad (Symbolic, Imaginary and Real); and (3) analysing how experiences of the character Aramides reflect impositions of gender and race in affective and family relationships. Methodologically, this is a qualitative, interpretative and bibliographical study that combines literary criticism, Lacanian materialism and gender and race studies. The theoretical foundation is based on the writings of Slavoj Žižek (2010, 2014), Judith Butler (2018), Bell Hooks (2018), Pierre Bourdieu (2010). Results indicate that this story shows a transformation of affectivity into oppression, revealing the opposite of motherhood when it is lived outside the logic of male desire. The violence suffered by Aramides - physical, symbolic and emotional - is interpreted as a symptom of a system that marginalizes the autonomous desire of black women, dehumanizing their maternal experience. As a perspective, the article suggests expanding studies on representations of black motherhood in contemporary literature, linking narratives of resistance to criticism of symbolic structures that shape affections. The relevance of the research lies in the contribution it makes to the fields of literary criticism, psychoanalytical studies and intersectional theories, by promoting a reading that denounces and destabilizes normative discourses on gender, race and affection.

RESUMO

Este artigo analisa o conto "Aramides Florença", integrante da coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2024), de Conceição Evaristo, à luz do materialismo laciano proposto por Slavoj Žižek, com especial atenção às interseções entre gênero, raça e violência simbólica. Partindo da categoria de *escrivência*, criada por Evaristo, a pesquisa investiga de que modo a narrativa tensiona os discursos naturalizados sobre a maternidade e o amor romântico, revelando suas implicações opressoras sobre o corpo e o desejo da mulher negra. O objetivo geral é compreender como a maternidade, idealizada como espaço de afeto, torna-se mecanismo de controle e violência no contexto de uma relação regida por estruturas patriarcais. Os objetivos específicos incluem: (1) identificar as formas de violência presentes na narrativa segundo a categorização de Žižek (simbólica, objetiva e subjetiva); (2) articular essas formas às instâncias da tríade laciana (Simbólico, Imaginário e Real); e (3) analisar como as experiências da personagem Aramides refletem as imposições de gênero e raça nas relações afetivas e familiares. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa e bibliográfica, que articula crítica literária, materialismo laciano e estudos de gênero e raça. A fundamentação teórica baseia-se nos escritos de Slavoj Žižek (2010, 2014), Judith Butler (2018), bell hooks (2018), Pierre Bourdieu (2010). Os resultados indicam que o conto evidencia um percurso de transformação da afetividade em opressão, revelando o avesso da maternidade quando esta é vivida fora da lógica do desejo masculino. A violência sofrida por Aramides — física, simbólica e emocional — é interpretada como sintoma de um sistema que marginaliza o desejo autônomo da mulher negra, desumanizando sua experiência materna. Como perspectiva, o artigo sugere a ampliação dos estudos sobre as representações da maternidade negra na literatura contemporânea, articulando narrativas de resistência à crítica das estruturas simbólicas que moldam os afetos. A relevância da pesquisa reside na contribuição que oferece para os campos da crítica literária, dos estudos psicanalíticos e das teorias interseccionais, ao promover uma leitura que denuncia e desestabiliza discursos normativos sobre gênero, raça e afeto.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 12/07/2025

Aprovado: 15/02/2026

Publicação: 06/03/2026



Keywords:

Black literature.
Slavoj Žižek.
Gender.
Motherhood

Palavras-Chave:

Literatura negra
Slavoj Žižek
Gênero
Maternidade

Introdução

Este artigo, intitulado *O avesso do afeto: a maternidade violentada no conto Aramides Florença*, é fruto das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto de Iniciação à Pesquisa (PIBIC), realizado no Campus IV da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL)¹. A investigação parte do compromisso com a valorização da literatura negra de autoria feminina como campo crítico e formativo, especialmente no que tange às questões de gênero, raça e subjetividade.

A literatura negra de autoria feminina brasileira tem se afirmado como um importante campo de resistência e denúncia das múltiplas violências que atravessam os corpos e a subjetividade das mulheres negras. Nesse contexto, a obra de Conceição Evaristo ocupa um lugar de destaque, ao conjugar estética e política por meio do conceito de *escrevivência*, expressão criada pela própria autora para nomear uma escrita que emerge da experiência concreta e coletiva das mulheres negras em sua luta por existência, visibilidade e reconhecimento. A produção de Evaristo recusa os modelos hegemônicos da narrativa e propõe novas formas de construção simbólica a partir da dor, da memória e da resistência.

A coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2024) constitui um marco dessa proposta literária ao apresentar personagens femininas que enfrentam violências naturalizadas no cotidiano, como a negligência afetiva, o racismo estrutural, o abandono e, sobretudo, a violência de gênero. Em especial, o conto “Aramides Florença” se destaca ao problematizar a maternidade como espaço ambíguo: simultaneamente desejo legítimo de realização pessoal e campo de tensão nas relações afetivas marcadas pelo patriarcado.

A narrativa apresenta uma mulher que, ao se tornar mãe, rompe com a lógica do desejo masculino, sendo por isso submetida a uma violenta punição simbólica e física. No enredo, Aramides vivencia uma relação conjugal inicialmente marcada por afeto, que se transforma após a gestação, quando o companheiro passa a rejeitar o corpo materno e a criança, culminando em agressões que evidenciam a tentativa masculina de controle sobre o corpo feminino.

Nesse sentido, a experiência da maternidade, longe de se restringir à dimensão do sofrimento, configura-se também como espaço de resistência e de afirmação subjetiva. É a partir dessa dinâmica de violência e enfrentamento que se torna possível analisar o conto à luz das teorias críticas da violência, compreendendo como as opressões de gênero se estruturam e

¹ Esta pesquisa teve apoio da FAPEAL através da concessão de bolsa de iniciação Científica para a estudante coautora deste trabalho Aline Oliveira dos Santos Silva.

se reproduzem nas relações íntimas, ao mesmo tempo em que produzem fissuras capazes de engendrar gestos de ruptura e insubmissão.

Diante dessa violência, a maternidade emerge não apenas como experiência de dor, mas também como espaço de resistência e reafirmação da identidade da protagonista. Propomos, assim, uma análise crítica do conto “Aramides Florença”, articulando os fundamentos do materialismo lacaniano, especialmente a concepção de desejo como falta estruturante, com os estudos de Slavoj Žižek (1992, 2010, 2014) sobre as formas contemporâneas da violência. A discussão é enriquecida pelas contribuições de autoras feministas como Heleieth Saffioti (2004), Rita Laura Segato (2003), Judith Butler (2018) e bell hooks² (2018), que desvelam as intersecções entre gênero, raça e poder.

Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, com abordagem interpretativa e fundamentação teórica interdisciplinar. O objetivo é compreender de que modo a narrativa de Evaristo denuncia os dispositivos simbólicos que operam a violência contra a mulher negra, sobretudo quando esta reivindica o direito ao desejo e à maternidade fora das amarras patriarcais.

Nesse percurso analítico, parte-se da compreensão de que o conto “Aramides Florença”, integrante da coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres*, não apenas tematiza a violência de gênero, mas expõe os mecanismos simbólicos e ideológicos que sustentam a naturalização do controle sobre o corpo e o desejo das mulheres negras. A leitura proposta aponta que a maternidade, longe de constituir um espaço neutro ou idealizado, é atravessada por disputas de poder que, quando rompem com a centralidade masculina, desencadeiam formas de punição que transitam entre o simbólico e o físico. Assim, antecipamos que a análise evidenciará a escrita de Conceição Evaristo como gesto de denúncia e resistência, capaz de desestabilizar discursos hegemônicos sobre afeto, maternidade e identidade feminina, ao mesmo tempo em que inscreve a experiência da mulher negra como lugar legítimo de produção de sentido, crítica social e transformação.

A escrita de Conceição Evaristo: entre a denúncia e a resistência

Conceição Evaristo é uma das mais importantes vozes da literatura negra de autoria feminina contemporânea no Brasil. Sua obra literária, marcada por um engajamento político e estético, emerge da experiência de uma mulher negra que vivenciou as marcas da desigualdade racial, social e de gênero. Evaristo inscreve sua escrita no campo da “escrevivência”, termo por ela criado para nomear uma prática literária que articula a memória pessoal e coletiva das mulheres negras. Segundo a autora, a escrevivência “não é invenção, é

² Optamos pela grafia do nome bell hooks em letras minúsculas em respeito à escolha da própria autora, que adotava essa forma como posicionamento político-intelectual, priorizando o conteúdo de sua produção teórica em detrimento da centralidade do nome próprio.

antes de tudo uma forma de contagem do vivido, das experiências que vão compondo a existência da mulher negra” (Evaristo, 2011, p. 26). Trata-se, portanto, de uma escrita que não apenas narra, mas denuncia e elabora criticamente os modos de silenciamento e subalternização impostos à população negra, sobretudo às mulheres.

A escrevivência, como categoria crítica, foi posteriormente apropriada por estudiosos da literatura e dos estudos culturais, sendo compreendida como um instrumento epistemológico de enfrentamento às estruturas discursivas coloniais e patriarcais. Para Carneiro (2019), esse tipo de escrita constitui uma estratégia de insurgência, ao reivindicar a legitimidade da experiência negra como fundamento do conhecimento e da arte. Assim, a literatura de Evaristo rompe com o cânone literário tradicional, ao colocar no centro da narrativa sujeitos historicamente marginalizados, uma vez que possibilita uma ressignificação do imaginário social brasileiro.

Dentro desse projeto estético-político, destacamos a coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2024), em que Evaristo apresenta personagens femininas atravessadas por múltiplas formas de violência – física, simbólica, emocional e institucional. Os contos que compõem a obra funcionam como dispositivos de denúncia e resistência, pois não apenas expõem as agruras do cotidiano de mulheres negras, mas também elaboram saídas subjetivas diante das estruturas opressoras. Segundo Nunes (2020), Evaristo evidencia a complexidade das experiências vividas por mulheres negras, ao demonstrar que sentimentos como o afeto, a dor e a resistência estão interligados em um cenário permeado por desigualdades estruturais.

A maternidade, nesse conjunto de narrativas, assume um papel ambíguo: se, por um lado, pode configurar-se como espaço de afirmação subjetiva e fortalecimento de vínculos, por outro, revela-se como uma condição frequentemente instrumentalizada pela violência e pelo controle social. Nos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, ser mãe não é, necessariamente, uma experiência de plenitude, podendo representar, em muitos casos, uma forma de aprisionamento, sobretudo quando associada a relações afetivas atravessadas pela dominação masculina, pelo abandono ou pela exploração. Ribeiro (2020, p. 112) observa que “Evaristo desconstrói o mito da maternidade sagrada, revelando como ele pode operar como uma armadilha para as mulheres negras, que carregam, sozinhas, o peso da responsabilidade afetiva e material dos filhos”. Ou seja, a idealização da maternidade sagrada opera como forma de naturalizar a responsabilização exclusiva das mulheres negras pelo cuidado e pela sobrevivência familiar.

Nesse contexto, o conto “Aramides Florença”, objeto de análise deste artigo, insere-se como uma narrativa que explicita o conflito entre afeto e violência no interior da experiência materna. A protagonista vivencia uma relação conjugal inicialmente marcada pelo cuidado e pelo desejo, que se transforma de modo radical após a gestação, quando o companheiro passa a rejeitar tanto o corpo materno quanto a presença do filho. Essa ruptura culmina em práticas

de violência física e simbólica que evidenciam a tentativa de controle do corpo feminino e da maternidade enquanto projeto autônomo. Assim, a análise do conto permitirá compreender como Conceição Evaristo tensiona o ideal romântico da maternidade, desvelando as camadas de violência que se ocultam sob discursos naturalizados de amor, proteção e cuidado.

Violência simbólica e desejo: fundamentos teóricos

A análise do conto “Aramides Florença”, de Conceição Evaristo, possibilita a articulação entre as categorias do materialismo lacaniano proposto por Slavoj Žižek (2010) e os estudos críticos de gênero e raça, uma vez que as relações afetivas ali descritas são atravessadas por estruturas simbólicas que sustentam a dominação, a exclusão e a violência.

A teoria psicanalítica de Jacques Lacan (1998) compreende o sujeito como constituído como linguagem, sendo estruturado pela falta. Essa falta é o motor do desejo, que nunca se orienta a um objeto plenamente acessível, mas àquilo que permanece ausente, deslocado ou perdido. Lacan (1998, p. 41) afirma que “o desejo é o desejo do Outro”, sublinhando que o sujeito se forma a partir da alteridade e das exigências simbólicas do Outro — instância que representa a lei simbólica, a cultura e os sistemas normativos que regulam o laço social. Esse Outro não corresponde a um sujeito empírico, mas ao lugar do discurso que antecede o indivíduo e condiciona sua posição no campo da linguagem e do desejo.

Slavoj Žižek (2010), ao retomar a teoria lacaniana no final do século XX, propõe uma leitura materialista da constituição do sujeito, articulando os conceitos psicanalíticos à crítica marxista das ideologias. Para este filósofo, o sujeito do inconsciente não pode ser compreendido de forma dissociada das estruturas socioeconômicas e políticas que o produzem. Žižek (2010) reelabora noções centrais de Lacan — como o Simbólico, o Imaginário, o Real e o desejo — a partir de uma perspectiva crítica que evidencia como a subjetividade é atravessada pelas contradições ideológicas da realidade capitalista. Nessa abordagem, a constituição subjetiva encontra-se enraizada em relações históricas de dominação, e o desejo do Outro passa a ser mediado por formações simbólicas ligadas à ideologia, à cultura de consumo e aos dispositivos de poder.

Além de reformular a compreensão da constituição subjetiva a partir da crítica marxista, Slavoj Žižek opera uma releitura da tríade lacaniana — Simbólico, Imaginário e Real — para evidenciar como essas instâncias estruturam as formas de subjetivação e as dinâmicas de dominação na cultura contemporânea. Essa tríade, fundamental para a psicanálise lacaniana, não apenas organiza o psiquismo do sujeito, mas, na leitura žižekiana, também estrutura os modos como a ideologia se inscreve no cotidiano e se manifesta nas relações interpessoais.

O Simbólico é o campo da linguagem, da lei e das convenções sociais. Ele representa o lugar do Outro enquanto sistema de significações que antecede o sujeito e no qual ele se insere.

Para Žižek (1992), o Simbólico é também o espaço onde a ideologia se naturaliza, dissimulando os conflitos sociais sob a aparência de ordem e de normalidade. É por meio do Simbólico que se impõem as normas de gênero, os papéis familiares e os discursos sobre maternidade e amor, que moldam as expectativas sobre as mulheres — especialmente as mulheres negras — e limitam sua atuação social e afetiva.

O Imaginário, por sua vez, refere-se ao plano da identificação, das imagens de completude e da formação do eu. É nesse registro que o sujeito constrói fantasias de harmonia e plenitude, buscando compensar a sua constitutiva incompletude. Žižek (2010) afirma que o Imaginário, ao ser mediado pela ideologia, sustenta fantasias sociais como o amor romântico e a maternidade ideal, as quais operam como mecanismos de controle subjetivo. Tais fantasias, quando frustradas, podem produzir efeitos violentos, sobretudo quando o sujeito se vê diante da perda da posição central no desejo do outro.

Por fim, o Real é aquilo que escapa à simbolização e à imaginação: o ponto de ruptura, o trauma inassimilável, o excesso que não pode ser representado. Para Žižek (2010), o Real é aquilo que insiste e retorna como falha do sistema simbólico, desestabilizando a ordem ideológica, conforme atesta a passagem em que a narradora descreve a cena que culminou no estupro praticado pelo pai de seu filho.

Conforme exposto anteriormente, este conto narra a trajetória de uma mulher cuja relação conjugal, inicialmente marcada pelo afeto, se transforma após a gravidez, quando o companheiro passa a rejeitar o corpo materno e a criança, culminando em um ato de violência sexual, que será analisado na última sessão desse artigo. Essa violência não surge como um acontecimento isolado ou inesperado, mas como a manifestação extrema de uma relação já atravessada por assimetrias de poder e pela negação do desejo feminino.

Nesse contexto, observamos que o ato de violência sexual pode ser compreendido como uma irrupção do Real, não no sentido de uma desestabilização da ordem simbólica, mas como o momento em que a fantasia imaginária de uma relação amorosa baseada na harmonia entra em colapso. O que se revela, nesse ponto, é o núcleo traumático da relação: a reafirmação da ordem simbólica patriarcal, que se reatualiza pela violência ao reinscrever o corpo da mulher como objeto de domínio. Desse modo, não se trata de uma falha da estrutura simbólica, mas de sua atuação plena e brutal, na qual o Real emerge como aquilo que rompe a ilusão do amor idealizado, evidenciando a persistência do poder patriarcal e a negação sistemática do desejo feminino.

Ao reformular a tríade lacaniana sob uma perspectiva materialista, Žižek (2010) amplia o campo da psicanálise para o terreno da crítica social, permitindo compreender como os mecanismos do inconsciente são atravessados por estruturas históricas e ideológicas. Essa abordagem oferece ferramentas teóricas pertinentes para a leitura da obra de Conceição Evaristo. Nesse sentido, a tríade lacaniana, relida por Žižek (2010), permite não apenas

interpretar as dinâmicas afetivas do conto, mas também revelar os dispositivos de poder que sustentam a violência contra o desejo feminino.

Dentro dessa perspectiva, o desejo nunca se dirige a um objeto pleno ou plenamente acessível; ao contrário, ele se orienta pela ausência de um objeto que está sempre deslocado ou perdido — *o objeto a*, na terminologia lacaniana. Essa incompletude subjetiva, ao ser recusada, pode gerar mecanismos de agressividade, ciúme, controle e violência, principalmente nas relações marcadas pela desigualdade de poder, como ocorre nos vínculos afetivos mediados pelo patriarcado.

Slavoj Žižek (2010), ao reler Lacan dentro de um projeto filosófico e político contemporâneo, evidencia como a violência simbólica opera de modo silencioso e estrutural, legitimando-se por meio de ideologias aparentemente neutras ou naturalizadas. Ou seja, essa forma de violência manifesta-se de maneira sutil e muitas vezes imperceptível, justamente porque está incorporada às estruturas de sentido que organizam nossa forma de compreender e experienciar o mundo.

Trata-se, portanto, de uma violência que atua nos discursos normativos que regulam os papéis de gênero, o ideal de amor romântico, a família e o lugar social da mulher. Nesse sentido, é fundamental distinguir essa violência simbólica da violência sexual propriamente dita: embora o ato de violência sexual se configure como uma violência direta, explícita e material, ele não se dissocia da ordem simbólica que o torna possível. Ao contrário, tal ato emerge como expressão extrema de um poder patriarcal instaurado e sustentado por uma lei simbólica que naturaliza a dominação masculina sobre o corpo feminino. Assim, a violência sexual não se confunde com a violência simbólica, mas se ancora nela, sendo sua materialização mais brutal no interior de uma estrutura ideológica que legitima, normaliza e reproduz a desigualdade de gênero.

Na narrativa, a personagem-título vivencia essa lógica: ao investir afetivamente na relação com o filho recém-nascido, desloca o companheiro da posição central que este ocupava em sua vida. Tal gesto, que deveria ser lido como expressão de uma nova configuração afetiva e da maternidade como um espaço de cuidado e amor, é interpretado pelo companheiro como perda de controle e ameaça à sua autoridade masculina. Nesse ponto, a estrutura simbólica do patriarcado é ativada como mecanismo de correção violenta, e o que era simbólico — o ciúme, o silêncio, o ressentimento — transborda em violência real: o estupro conjugal, que rompe com qualquer possibilidade de afeto e revela o corpo feminino como território de dominação.

Autoras como Heleieth Saffioti (2004) e Rita Laura Segato (2003) contribuem significativamente para a compreensão das formas de violência dirigidas às mulheres no contexto de uma sociedade patriarcal e racialmente estruturada. Ambas evidenciam que o corpo feminino, especialmente o corpo da mulher negra, tem sido historicamente apropriado como instrumento de afirmação do poder masculino. Para Saffioti (2004), a violência de

gênero não é um fenômeno isolado, mas está profundamente enraizada em um sistema de relações sociais que naturaliza a desigualdade e racializa a opressão. A autora destaca:

[...] a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na ‘ordem das bicadas’ é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (Saffioti, 2004, p. 16, grifos da autora).

Conforme destaca Heleieth Saffioti (2004), a supremacia masculina atravessa todas as classes sociais e se articula, de modo indissociável, às opressões de classe e raça, configurando uma hierarquia social que posiciona as mulheres negras e pobres no grau máximo de vulnerabilidade. Ao empregar a metáfora da “ordem das bicadas”, a autora evidencia que a dominação patriarcal não atua de forma isolada, mas se intensifica quando combinada ao racismo estrutural e à desigualdade socioeconômica. Essa leitura permite compreender que a violência dirigida às mulheres negras não é circunstancial, mas resultado de um sistema de poder que naturaliza a subalternização feminina e racial, legitimando práticas de exclusão e violência nos diferentes âmbitos da vida social.

Essa reflexão é essencial para compreender a personagem Aramides: por ser mulher, negra e pobre, ela está exposta às camadas mais profundas da violência simbólica e material. A maternidade, que para ela é espaço de afeto e desejo, torna-se um fator de punição dentro de uma estrutura que não admite sua autonomia — uma estrutura que a enxerga apenas como corpo funcional, não como sujeito de direitos afetivos.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que a organização social hierarquizada permite a coexistência de múltiplas formas de opressão, como o antagonismo de classes, o racismo e o patriarcado. Saffioti (2004) revela que, na base dessa pirâmide de subalternização, encontram-se as mulheres negras e pobres — perfil que, de modo marcante, se aplica à personagem Aramides Florença. Sua condição é atravessada por esses marcadores sociais que a colocam em posição de extrema vulnerabilidade e silenciamento.

Nesse mesmo campo de reflexão, a antropóloga Rita Laura Segato (2003) oferece uma leitura contundente sobre a violência de gênero, particularmente no âmbito doméstico. Para a autora, os atos de violência contra as mulheres não têm como principal motivação o desejo sexual, mas o desejo de reinstaurar uma ordem patriarcal que organiza socialmente as relações entre os gêneros, conforme ela afirma em:

Combater essas formas rotineiras de violência é possível, mas é imprescindível compreender essa luta como parte de um trabalho de desestabilização e erosão da própria ordem de status, e não como um paliativo — uma simples correção dos excessos de violência — para que esta possa continuar sua marcha autorrestauradora. O objetivo é a construção de uma sociedade [...] pós-patriarcal (Segato, 2003, p. 17 — tradução nossa³).

A partir desse entendimento, percebemos que a proposta de Segato não se limita a medidas paliativas ou correções pontuais; trata-se, antes, de uma luta estrutural por desestabilizar as bases do patriarcado. A autora propõe a construção de uma sociedade pós-patriarcal, na qual o domínio masculino sobre o feminino seja superado e os atos de violência não sejam mais tratados como desvios, mas como sintomas de uma ordem que precisa ser profundamente transformada.

Relacionando essa perspectiva à narrativa de Aramides Florença, observamos o exercício do poder patriarcal por parte de seu companheiro, que tenta reafirmar sua autoridade por meio da violência simbólica e física. A conduta do agressor, ao tentar reestabelecer seu controle sobre sua esposa, pode ser compreendida à luz da análise de Segato (2003), uma vez que segundo ela, o estupro e outras formas de agressão no espaço doméstico são estratégias de reafirmação de uma hierarquia de gênero, orientadas menos pelo desejo sexual e mais pela lógica do domínio e da subjugação.

Portanto, ao articular os conceitos de Jacques Lacan (1992) e Slavoj Žižek (2010) com os estudos feministas interseccionais, evidenciamos que a violência simbólica — entendida como o conjunto de normas, discursos e valores que naturalizam a dominação — não apenas antecede, mas estrutura a violência física e sexual. O caso de Aramides ilustra, de forma contundente, a transição entre o simbólico e o real no campo das violências de gênero. Essa dinâmica, legitimada pelo discurso amoroso e pela idealização da família tradicional, transforma a maternidade de espaço de afeto em campo de batalha, no qual o desejo da mulher é punido por desafiar a centralidade do desejo masculino.

³ No original: *Combater esas formas rutinarias de violencia es posible, pero es imprescindible entender esa lucha como parte de un trabajo de desestabilización y de erosión del propio orden de estatus, y no como un paliativo —una simple corrección de los excesos de violencia— para que éste pueda seguir su marcha autorrestauradora. El objetivo es la construcción de una sociedad [...] postpatriarcal”* (Segato, 2003, p. 17).

Entre o desejo e a dor: a maternidade como espaço de violência simbólica

A maternidade, tradicionalmente romantizada pela cultura ocidental, é frequentemente representada como expressão do amor incondicional e da realização plena da mulher. No conto “Aramides Florença”, essa representação não é negada nem ironizada; ao contrário, Conceição Evaristo constrói uma figura materna profundamente investida de afeto, desejo e escolha. O que a narrativa tensiona não é a legitimidade do amor materno, mas a impossibilidade de sua plena realização em um contexto atravessado pelo poder patriarcal.

Por meio da escrevivência, Evaristo evidencia que essa vivência feminina, embora compartilhável por diferentes mulheres, adquire contornos específicos quando narrada a partir da posição histórica e social das mulheres negras. No caso de Aramides, a maternidade se afirma como projeto de vida e como centro de sua identidade afetiva: “Esta é a minha criança, – me disse a mãe, antes de qualquer outra palavra – o meu bem-amado. O nome dele é Emildes Florença” (Evaristo, 2024, p.9). E, mais adiante, a narradora afirma: “Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. O menino só se nutria do leite materno” (Evaristo, 2024, p. 10). Essas passagens indicam que a personagem, além de nomear o filho como “meu bem-amado” e se coloca como alimento literal de sua sobrevivência. Trata-se de um amor absoluto, que não exclui o companheiro, mas que desloca a centralidade do desejo masculino.

Essas passagens atestam que o desejo de gerar e cuidar de um filho é associado à construção de uma identidade afetiva que lhe parece legítima, uma vez que Aramides acredita e age como se tivesse nascido para ser mãe “Florença tivera uma gestação feliz. Ter um filho havia sido uma escolha que ela fizera desde mocinha, mas que vinha adiando sempre” (Evaristo, 2024, p. 11). Ou seja, Aramides esperou o homem certo, o companheiro ideal para ser o pai de seu filho. “Um dia, realmente esse homem apareceu. Foram felizes no namoro. E mais felizes quando decidiram ficar juntos” (Evaristo, 2024, p. 11). Mas a felicidade era apenas aparente, era o avesso daquilo que ela julgava ser afeto, era, na verdade, uma violência que se vinha anunciando gradativamente nos gestos e olhares do homem que era seu companheiro.

Inicialmente, sua relação amorosa também parece promissora, marcada pela reciprocidade e por promessas de cumplicidade: “A vida seguia conforme as expectativas dos dois. A gravidez desejada logo aconteceu. (...) Desde então, os dois grávidos mais felizes prometeram ser, para repartirem a felicidade com a criança que estava por vir.” (Evaristo, 2024, p. 11). No entanto, a gestação, ao invés de consolidar esse laço afetivo, desvela uma estrutura relacional profundamente enraizada em dinâmicas patriarcais, quando “Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois” (Evaristo, 2024, p. 13). Era um aparelho de barbear deixado em cima da cama, justamente no local em que ela costumava se deitar. “O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a

presença daquele objeto ali.” (Evaristo, 2024, p. 13) A narrativa segue com uma série de tentativas de entender o que havia acontecido. Era uma série de “talvez” isso, “talvez aquilo”.

Embora o relacionamento inicial de Aramides pareça pautado pela cumplicidade e pelo desejo compartilhado da maternidade, a narrativa revela, de modo progressivo, como esse vínculo se sustenta em assimetrias próprias das relações patriarcais. A gravidez, que poderia reforçar a união, torna-se o ponto de inflexão que expõe a fragilidade dessa relação. Nesse contexto, o episódio do aparelho de barbear deixado no espaço íntimo da protagonista assume relevância simbólica, pois sinaliza a ruptura do cuidado e a invasão de um território corporal e afetivo até então preservado. Antes de se configurar como violência direta, o gesto pode ser compreendido como parte de um processo de desestabilização que antecede a agressão explícita.

Entendida, conforme Pierre Bourdieu (2010), como uma forma de dominação que se exerce de modo naturalizado, silencioso e incorporado aos gestos cotidianos, a violência simbólica não depende necessariamente de um ato físico ou deliberadamente agressivo. No conto, a ausência de explicação por parte do companheiro e a indefinição narrativa (“talvez”) indicam menos um evento isolado e mais a impossibilidade de diálogo em uma relação atravessada por hierarquias de poder. Assim, o episódio do barbeador não se apresenta ainda como a irrupção do Real violento, mas como um indício da lógica patriarcal que passa a desconsiderar o corpo e o afeto da mulher, preparando o terreno para violências posteriores, estas sim diretas e gritantes.

Conforme a gravidez avança, o companheiro de Aramides passa a demonstrar sinais de desconforto, ciúmes e hostilidade, expressões de um desejo frustrado, de centralidade e controle, como aconteceu três semanas depois do episódio com o barbeador. Aramides estava se arrumando, em frente ao espelho para dormir, quando percebeu que o marido se aproximava por trás. Esperava um abraço, e, quando já imaginava o prazer de receber um carinho, o que sentiu foi uma dor dilacerante em seu ventre:

Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro na barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraçá-la com o cigarro acesso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. *Por um ínfimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário* (Evaristo, 2024, p. 14 – grifos nossos).

À medida que a gravidez avança, o companheiro de Aramides passa a manifestar incômodo e hostilidade diante da centralidade que o filho assume na vida da protagonista. O

gesto de queimar seu ventre com um cigarro inaugura uma dinâmica de violência que incide diretamente sobre o corpo da mulher, funcionando como tentativa de punição e de retomada do controle sobre uma corporeidade que já não se organiza em função do desejo masculino. Tal gesto não se apresenta de forma transparente, mas envolto em ambiguidade, produzindo dúvida na própria vítima quanto à intencionalidade do agressor: “Por um ínfimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário.”

Nesse sentido, mais do que uma violência simbólica plenamente naturalizada nos termos de Bourdieu (2010) — aquela que opera por meio da adesão inconsciente do dominado a esquemas incorporados de percepção —, o que se observa inicialmente é um processo de manipulação afetiva e simbólica, no qual a violência se dissimula sob a aparência do acaso ou da inocência. Aramides não se submete porque reconhece a agressão como legítima ou “natural”, mas porque é levada a hesitar, a relativizar o ocorrido e a suspender o confronto direto, acreditando na possível ausência de intenção do companheiro.

Essa ambiguidade prepara o terreno para a escalada da violência. Com o nascimento do bebê e o direcionamento quase exclusivo do afeto materno à criança, o deslocamento do companheiro do centro da dinâmica familiar ameaça sua autoridade e sua virilidade, desencadeando aquilo que já não se mantém no plano da dissimulação. O que se segue é um ato de violência direta e real: o estupro conjugal, no qual a dominação patriarcal se exerce de forma explícita, brutal e sem mediações simbólicas, conforme relata a própria Aramides no excerto a seguir.

Estava eu amamentando o meu filho – me disse Aramides enfatizando o sentido da frase, ao pronunciar pausadamente cada palavra – quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. (Evaristo, 2024, p. 17).

Esse episódio marca um ponto de virada na narrativa e evidencia a crítica estrutural de Conceição Evaristo não apenas às normas patriarcais de afetividade, mas à forma como tais

normas podem ser perversamente reapropriadas e instrumentalizadas pelo poder masculino. Diferentemente de uma imposição direta do modelo tradicional que associa a maternidade à realização feminina, o que se observa na relação de Aramides é uma subversão violenta desse imaginário: a personagem é punida não por rejeitar a maternidade, mas por nela encontrar prazer, sentido e centralidade afetiva que escapam ao controle do companheiro. Judith Butler (2018), destaca que o corpo da mulher — e, de modo particular, o da mulher negra — constitui-se como campo de disputas simbólicas e políticas, sendo continuamente regulado por normas de gênero que moldam afetos e desejos.

Ao assumir a maternidade como expressão legítima de seu desejo, Aramides desafia a subordinação feminina ao desejo do Outro⁴ masculino — entendido aqui não como a figura empírica do companheiro, mas como a Lei simbólica que organiza lugares, papéis sociais e expectativas de gênero. Nesse sentido, sua escolha não representa uma ruptura com a ordem simbólica, mas, paradoxalmente, uma resposta coerente a ela, uma vez que a maternidade constitui um dos papéis femininos mais fortemente legitimados por essa mesma lógica.

No entanto, a narrativa revela que nem mesmo essa adesão é tolerada: Aramides é punida justamente por ocupar, com autonomia afetiva, o lugar que lhe é socialmente destinado. A violência que recai sobre ela expõe, assim, um funcionamento perverso do patriarcado, no qual o desejo masculino se impõe não apenas sobre o desejo da mulher, mas também acima das próprias normas simbólicas que exaltam o amor materno como valor supremo. O que se evidencia é um regime de poder em que a mulher não consegue sequer reproduzir plenamente o papel feminino que lhe é prescrito, tornando-se alvo de uma violência que excede a lei e revela sua face mais arbitrária e destrutiva.

Žižek (2014), ao refletir sobre as formas contemporâneas da violência, distingue três tipos principais: a violência subjetiva, a objetiva e a simbólica. A violência subjetiva é a mais visível, manifestando-se em atos físicos ou verbais de agressão. A violência objetiva refere-se às estruturas sociais e econômicas que perpetuam desigualdades e injustiças, muitas vezes de forma invisível. Já a violência simbólica opera por meio da linguagem e dos sistemas de significação, impondo normas e valores que naturalizam a dominação (Žižek, 2014). Este filósofo aponta que a violência subjetiva, aquela que percebemos diretamente, sempre tem por trás de si uma violência objetiva e simbólica que estrutura nossas relações. O estupro, nesse sentido, é o sintoma extremo de uma estrutura relacional que já se mostrava violenta desde o início, ainda que camuflada sob a retórica do afeto.

⁴ Na perspectiva psicanalítica lacaniana, o Outro não se confunde com um sujeito empírico ou com a figura concreta do parceiro afetivo. Trata-se de uma instância simbólica que representa a Lei, a linguagem e os sistemas normativos que organizam os lugares sociais, os papéis de gênero e as formas legítimas de desejo. Assim, quando se afirma que Aramides responde ao desejo do Outro, não se trata de submissão ao companheiro, mas de sua inscrição — ainda que tensionada — na ordem simbólica que legitima a maternidade como papel feminino central.

No conto, a violência simbólica se manifesta nas expectativas sociais sobre a maternidade e o papel da mulher. Aramides é levada a acreditar que sua realização pessoal está intrinsecamente ligada à maternidade e ao cuidado com o filho, internalizando normas que a colocam em uma posição de subordinação. A violência objetiva está presente nas estruturas patriarcais que sustentam a desigualdade de poder entre homens e mulheres, permitindo que o companheiro de Aramides exerça controle sobre ela. A violência subjetiva se concretiza no ato do estupro, que é a expressão final e mais visível das outras formas de violência que a precedem.

A escrita de Conceição Evaristo, ao tratar a violência sexual no interior da intimidade doméstica, denuncia os limites do discurso afetivo tradicional ao revelar como o amor romântico pode funcionar como espaço de reatualização das estruturas de poder patriarcal. No conto “Aramides Florença”, a maternidade não se apresenta como destino imposto ou experiência ambígua a ser questionada, mas como possibilidade concreta de realização afetiva e de construção identitária para a protagonista.

O conflito central da narrativa não reside na maternidade em si, mas na relação com um companheiro que, movido por uma lógica machista e perversa, não tolera o deslocamento do desejo feminino para além de sua própria centralidade. Nesse sentido, a violência que emerge não decorre da idealização do amor materno, mas da impossibilidade de sua efetivação em um contexto marcado pela dominação masculina. Bell hooks (2018) ressalta que a associação histórica das mulheres negras à ideia de uma maternidade “natural” foi frequentemente mobilizada para legitimar a exploração de seus corpos e afetos, convertendo o cuidado e a abnegação em obrigações socialmente impostas. Nesse sentido, tais representações não valorizam a experiência materna em si, mas funcionam como dispositivos de controle que silenciam o desejo e a autonomia feminina.

Esse posicionamento de hooks (2018) pode ser compreendido como um ponto de inflexão na crítica às construções tradicionais de gênero, ao evidenciar como a naturalização de papéis femininos — especialmente aqueles ligados ao cuidado, à maternidade e à abnegação — opera historicamente como mecanismo de controle e exploração, sobretudo no interior das relações familiares. No contexto da análise da escrita de Conceição Evaristo, a reflexão de bell hooks (2018) adquire força ao iluminar de que modo a ficção evaristiana denuncia esse processo sem deslegitimar a experiência materna em si.

Ao representar a violência sexual no espaço doméstico — lugar culturalmente associado à segurança, ao amor e ao cuidado —, Evaristo expõe como esses ideais podem ser instrumentalizados para encobrir práticas de dominação patriarcal. Assim, a narrativa revela que o ambiente familiar não é naturalmente protetor, mas atravessado por relações de poder que, ao se apoiarem em discursos afetivos e moralizantes, tornam a violência ainda mais difícil de ser reconhecida e combatida. A crítica elaborada por hooks (2018) à idealização histórica

da maternidade como destino feminino contribui para compreender os regimes simbólicos que, em diferentes contextos, associam o corpo da mulher — especialmente o da mulher negra — à obrigação do cuidado e da renúncia de si. No entanto, em “Aramides Florença”, a escrita de Conceição Evaristo não se orienta pela deslegitimação da maternidade enquanto experiência afetiva.

Ao contrário, a narrativa afirma o amor materno como escolha e como possibilidade concreta de felicidade para a protagonista. A crítica central desloca-se, assim, para o campo do amor romântico e da relação conjugal, evidenciando como a violência patriarcal não tolera que a maternidade se torne o eixo do desejo feminino. Dessa forma, Evaristo não nega a maternidade como valor, mas denuncia a lógica masculina que impede sua plena realização, revelando que o conflito não reside no amor materno, mas na tentativa de subjugar-lo ao poder do homem.

Portanto, as ideias de hooks (2018) apresentadas não apenas dialoga com os temas tratados por Conceição Evaristo, como também oferece um marco teórico fundamental para compreender o papel da literatura na problematização dos discursos que regulam os afetos, os corpos e os lugares sociais das mulheres. Ao evidenciar como representações naturalizadas da maternidade e do amor podem operar como mecanismos de controle, esta autora contribui para uma leitura crítica que permite situar a narrativa de Evaristo como espaço de denúncia e deslocamento simbólico.

Nesse sentido, a literatura não se limita a refletir a realidade social, mas participa ativamente de processos de transformação cultural, ao tornar visíveis as violências inscritas nas relações íntimas e ao questionar a legitimidade de modelos afetivos sustentados pela dominação patriarcal. Assim, ao articular experiência, memória e crítica social, a escrita de Evaristo amplia o horizonte de inteligibilidade sobre as vivências femininas, propondo novas possibilidades de existência marcadas pela autonomia, pela afirmação do desejo e pela resistência às formas naturalizadas de opressão.

Dentro desse contexto, a narrativa de Evaristo expõe como a violência simbólica, ao naturalizar papéis de gênero e expectativas sociais, prepara o terreno para a violência objetiva, que é invisível e culmina na violência subjetiva – visível, como as destacadas pelo companheiro de Aramides, quando o usou o cigarro aceso para queimar o ventre que abrigava o filho e quando deixou voluntariamente a lâmina do barbeador exposta no lugar da cama em que ela deitaria.

A maternidade, longe de ser um espaço de realização, torna-se um campo de disputa e controle, onde o desejo da mulher de ser mãe é reprimido e punido. Por meio da escrevivência, Evaristo denuncia essas dinâmicas de poder e dá voz às experiências silenciadas das mulheres negras, revelando as múltiplas camadas de violência que permeiam suas vidas. É precisamente esse deslocamento que desencadeia a violência. A relação conjugal, inicialmente marcada pela

aparência da harmonia, transforma-se quando o companheiro passa a perceber o filho como rival simbólico, reagindo à perda de exclusividade com gestos de controle, ressentimento e, por fim, violência. A maternidade, nesse sentido, não se converte em espaço de dor por ser um ideal ilusório, mas porque o patriarcado não admite que o desejo da mulher se organize fora de sua lógica de dominação.

Dessa forma, a narrativa denuncia como o amor materno — longe de ser negado — é violentamente punido quando desafia a centralidade masculina. A experiência de Aramides revela que a violência não nasce da maternidade em si, mas da tentativa masculina de reafirmar seu poder simbólico sobre o corpo, o afeto e o desejo da mulher. Assim, a maternidade emerge como território de afeto e, simultaneamente, como campo de conflito, no qual a violência patriarcal atua para interditar a autonomia feminina.

Conclusão

A análise do conto *Aramides Florença* permite evidenciar como a literatura de Conceição Evaristo constitui um espaço de enfrentamento às formas naturalizadas de opressão que incidem sobre os corpos e afetos das mulheres negras. Por meio da escrevivência, Evaristo ressignifica a experiência feminina negra, recusando a romantização da maternidade e do amor como lugares universais e inquestionáveis. A personagem Aramides, ao desejar ser mãe e investir afetivamente no filho, rompe com a lógica que subordina o desejo feminino à centralidade do homem, tornando-se, por isso, alvo de uma violência que transita do simbólico ao físico.

A partir dos fundamentos do materialismo lacaniano e das contribuições críticas de Slavoj Žižek, compreendemos que a violência cometida contra Aramides não foi um ato isolado, mas o desdobramento de uma estrutura simbólica sustentada por ideologias patriarcais que legitimam o controle do corpo feminino. A maternidade, nesse contexto, é capturada por uma lógica de dominação, sendo punida quando não serve aos interesses do poder masculino. A crítica de Evaristo não se limita à denúncia da violência explícita, mas incide sobre os discursos que a sustentam e a dissimulam, revelando o avesso do afeto como lugar de opressão.

Desse modo, a obra de Conceição Evaristo se inscreve como instrumento de denúncia e transformação, ampliando o repertório crítico sobre a maternidade, o desejo e a violência nas narrativas literárias. Ao dar voz a mulheres como Aramides, a autora promove um deslocamento epistemológico, na medida em que rompe com perspectivas universalizantes sobre a experiência feminina e reinscreve a mulher negra como sujeito de conhecimento, cuja vivência constitui fonte legítima de interpretação da realidade social. Trata-se, igualmente, de um deslocamento político, pois essa reconfiguração do lugar de fala desafia os paradigmas hegemônicos da afetividade e da identidade feminina ainda vigentes. Este artigo, ao lançar luz

sobre esses aspectos, contribui para o debate sobre literatura, subjetividade e justiça social no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Tradução de Sérgio Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2024.
- EVARISTO, Conceição. Escrivência: a escrita de nós. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. v. 1, p. 26-28.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- NUNES, Isabella Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida (in): DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2003.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Tradução Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.